

CONTO

Canícula

Sávyo Fernandes

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

savyo.ox.fernandes@gmail.com

Ele perambulou sarnento nas proximidades do altar, a cruz benzida ao centro saudada pelos estrangeiros da liturgia. Despreocupado em não ter roupas naquela ocasião especial, de quatro passava por entre os bancos dos missionários. Ninguém o esperava ali, nem mesmo sabiam o nome dele. Mas as portas do céu são abertas a todos os que escolheram ter fé.

Suas unhas desgastadas se mantinham naquela fricção aos pêlos, como se a doença estivesse esperneando para abandonar o minúsculo corpo. Mesmo com sujeira atrás das orelhas, a criatura desalmada ouvia os ecos de descontentamento com sua tortuosa vontade de coçar. Imparável, a missa estava sendo extraviada por uma coceira pecadora de um pequeno pecador.

Uma menininha na quina dos bancos puxava o braço da avó, para que visse o milagre das pulgas se manifestar pelo salão. No genuflexório, as orações eram intercaladas pelo silêncio canino daquele organismo e das súplicas de que fosse embora. O condenado por ser vivente permanecia estático aos olhos alheios, onde havia mais culpas às rezas extensas por perdão.

O padre proferia as graças do advento do vosso salvador, às vésperas do Natal. O incrédulo, lembrado pelos carrapatos, coçava a lombar em protesto. Com fiéis em suas crenças apaixonadas às palavras de louvor e a luxúria após a missa, diziam amém esperando de Deus o cumprimento dos desejos impossíveis. Improvável seria que o elemento estranho na liturgia pudesse orar a quem fosse, até que os anjos se comunicam por onomatopeias.

As cantigas pelo nascimento de Cristo faziam do penetra um nobre convidado. Por aquela noite haveria de ter o perdão de seus pecados, embora tivesse desistido de latir as dificuldades de um mundo cão. Ruas estavam cada vez mais desgraçadas, outros esquecidos revirando o lixo atrás de restos de comida. São vários aqueles em condições de rua, como se fossem todos os mesmos animais.

Entre subidas e descidas aos sermões, o inferno não mais o assustava. Deitou-se pelo tapete vermelho enquanto seguia o combinado, adorava os ensinamentos e ignorava parte daquilo ensinado. Quem perdia as atenções seguia a sua respiração a rolar entre os cânticos gregorianos. Haveria quem sabe uma passagem nos textos santos onde se punia o descanso em rituais, entretanto era uma suposição apócrifa que aquele espírito não saberia ler.

Com esperança virou o rosto até a saída daquele prédio santo. A vida continuava lá fora, os seguidores escolheram aquela gruta para chorarem a si. Apaziguado pelo pároco, aparentemente iria deixá-los sem explicações milagrosas. Assim como veio, assim levantou sua carcaça para a volta ao asfalto.

As orações se intensificaram quando se aproximavam os finais do ato religioso. Dele, o



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL6032-KAFQ

Recebido

8 de dezembro de 2025

Aprovado

8 de janeiro de 2026

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

menor discípulo peludo, teria sobrado as aparências de quem precisava se desculpar consigo mesmo. Pelo tapete vermelho, as patas cingiam o tecido com uma terra cor escarlata. A sua obra havia sido feita, sobretudo pelo descanso daqueles olhares em julgamento. O caminho de saída era de triunfo por ter servido a própria desimportância aos seus companheiros.

Próximo da saída, um velho atencioso naquilo que não haviam dito para salvar os dias, saudou o melhor amigo do homem com as sobras de sua sinceridade:

— Se terminou de rezar, vá para casa.

O cachorro assim fingiu ouvir.

Sávyo Fernandes

Natural de Catolé do Rocha/PB e se encontrou escritor em Janduís/RN, cidade onde reside atualmente. Graduado em História e roteirista de produções audiovisuais, a ligação com a literatura atinge uma necessidade de expressar as dimensões intensas da (ir)realidade através das letras. Publicou *Naturália Psicótica* (2021) e participou da antologia *Nordestes* (2023), lançada na FLIP, com o texto “Cordel de Facas”.